

JOAQUIM MADUREIRA
—BRAZ BURITY—

IMPRESSÕES DE TEATRO

ZILDA,

O LODO

e

Á LA FÉ

ZILDA, O LÔDO e Á LA FÊ

As Tres Peças de Teatro do Sr. Dr. Alfredo Cortez

Em terra soalheira, onde todos nos conhecemos e somos todos, mais ou menos, compadres, não havendo amplexo de fraternidade ou patada de repulsa que embicar se não possa ou filhar se não deva em arrangismos de seita ou antagonismos de mangedoira, começo, á bôa paz, por declarar, em público e raso e para que o saibam quantos esta declaração lerem, nem de vista conhecer o Sr. Dr. Alfredo Cortez, com cuja obra teatral acabo de me relacionar, estudando-a o melhor que pude e soube, e, sempre, de peça a peça, de scena a scena, com o indizível prazer e a crescente admiração de quem, descorçoado e sceptico — andando arredio e alheio a todo o movimento literario e a todas as correntes dramaticas de ha dez anos a esta parte — topa, emfim, de supetão e quando menos se precata, com um vero e autêntico temperamento de dramaturgo, cheio de talento creador, cheio de impetuosidade mental e de honradez literaria, possuindo todas as audaciosas qualidades dum domador de plateias, acolchoadas no resistente fôrro duma soberba organização de

Artista — a manejar a sua lingua, a modelar os seus personagens, a movimentar as suas scenas com a pericia forte e a tecnica viril de quem entra na Vida e tateia a profissão, com quarenta anos de officio e dragonas de marechal.

Não conheço o Sr. Dr. Alfredo Cortez. Não sei se é novo ou velho, gordo ou magro, alto ou baixo, rico ou pobre, bonito ou feio — honesto ou pulha. Ignoro mesmo se a Carta que o grilhêta á falange rëcual dos bípèdes diplomados pelos modernos cursos livres ou pela velha Universidade, lhe vem dum salvo-conduto hospitalar para despachar para o outro-mundo os seus semelhantes, ou, se, mais comezinha e inofensiva, ela se enrosca no classico canudo, que, não servindo para nada, apenas nos permite requerer e despachar nos autos as milhentas chinesarias e chucharrumelices em que se embaraça, emmaranha, êncanastra, embrulha e ennovela, dê das Ordenações ao Inquilinato, a legislação nacional.

O que sei — e isso só me interessa — é que, a-pesar do seu grau de bacharel em qualquer coisa, o Sr.



ALFREDO CORTEZ

Caricatura de AMARELHE

Dr. Alfredo Cortez é mais do que uma pessoa inteligente — porque é um homem de talento.

A meio da campina nacional em que a jumencia contemporânea, ovan-te e triunfalica, retoíça e espolinha, o Sr. Dr. Alfredo Cortez é, por direito proprio, dos raros que se emsimes-mam na Tôrre de Marfim da sua superioridade cerebral — uma cabeça a dominar, do alto, toda a estercaria rodeante, envolvente, de seis milhões de redenhos.

Duvido, por isso, que seja no mundo e venha a ser na sua Vida, uma criatura feliz, e custa-me vati-cinar-lhe, embora ninguém seja pro-feta na sua terra, que lhe ha-de ser difficil abrir caminho, romper estra-da, alcançar a meta das suas mais legitimas aspirações, se, a par do ta-lento que Deus lhe deu, por hábito, por educação, por temperamento, por atavismo, por mau sestro das vertebraes ou ruim fado da cavidade bucal, a espinha inflexa se lhe verti-caliza, a lingua comprida se lhe solta

e as glandulas salivares se lhe se-cam, quando o raio das Conveniências e o estafermo do Pão-Nosso impõem como dogma — a camba-lhota contorcionada que rasteja e pincha, a lambedela emoliente que sabuja e ajuda e o silencio acomoda-ticio que cala e consente.

E como essa dúvida tenha e êsse agoiro me punja, eu, que por mero acaso e contra os meus hábitos de muitos anos, assistí a uma repre-sentação do *A' la fé*, e, a-pesar do desempenho ser mais de molde a arrefecer-me do que a esquentar-me, senti crescer em mim tal entusiasmo, pelo valôr scenico e merito literario da peça, que venho declarar bem alto, ainda não sei onde nem como, mas com todas as veras da alma e toda a fôrça dos pulmões, como um dever de consciencia e em testemu-nho da Verdade, sem ninguém m'o pedir e ninguém m'o pagar — por-que as verdades se não pedem e os deveres de consciencia não ha



BRAZ BURITY

Lapis de ABEL SALAZAR



CARLOS SELVAGEM

Por EDUARDO MALTA

dinheiro que os pague — que não me contive e não descancei enquanto não li e reli e estudei e aprofundei, em exemplares de empréstimo, a *Zilda* e *O Lôdo*, que são, com o *A' la fê*, as três obras até agora publicadas pelo Sr. Dr. Alfredo Cortez e que, em meu affecto e

admiração, d'ora avante, aparelho, entre as produções de valor das recentes gerações, com o *Entre Giestas*, o *Ninho de Aguias* e *O Herdeiro* do Carlos Selvagem, de quem sou amigo, e que marcam, com manifestas vantagens para o Sr. Dr. Alfredo Cortez, os dois únicos logares



MARCELINO DE MESQUITA

Caricatura de M. G. BORDALO PINHEIRO

de destaque entre a purria de patarrecos e de lesmas que — morto Marcelino Mesquita na suserana hegemonia dos seus desequilíbrios teatrais — grasnam e rastejam no lodaçal dos palcos portugueses tatibitateando desconchavos e auto-tecendo-se virentes coroas de alhos-porros.

E, já'gora vou dizer das minhas razões:

A *Zilda*, como se constata das indicações cronológicas da brochura, representada em março de 1921 no Teatro Nacional de Almeida Garrett — que, se não estou em êrro nestas picaras nomenclativas modernas, é o antigo Teatro de D. Maria, que Deus haja, sem tirar nem pôr na fachada e apenas pejorativado de guisa tal, em reportorio e comediantes, que chora, ao que me dizem, uma pes-

soa, na platea, pelos tempos aureos do Posser, da Beatriz e da propria Maria Pia, que o Diabo ainda não levou — a *Zilda*, foi a peça de estreia do sr. dr. Alfredo Cortez.

São quatro actos cheios, movimentados, vividos, com principio, meio e fim, sujeito, verbo e atributo, tudo em seu sitio, todos no seu logar, dando, isoladamente, cada acto, um contingente determinado, solido, logico, natural e escoreito para o conjunto global e equilibrado da peça, sua tessitura, desenvolvimento, acção e desfecho, gravitando os quatro actos, de cabo a rabo, em tórno e redór da figurita tanagresca, nervosada, complexa, vibratil, doidivanas, caprichenta, buliçosa, arreliante, contraditoria e amoral da *Zilda*, que, profundamente feminil e um tudonadita zuca, mais do que como fulcro centrico da obra, — como estudo analitico, detalhado, minudente, consciencioso e subtil da iniciação duma rapariguêlha, tarada e leviana, filha de pai incerto e mãe duvidosa, batendo azas da capoeira nurriçal de roupas engomadas e derriços p'r'ó bom fim, em vôo de passara, poisa na ramboia doirada das joias caras, dos amantes ricos e dos clubes janotas — a *Zilda* é bem uma criação teatralica original e forte, desempenada e firme, que na sua gracilidade fragil de esquisso misogino do Eterno Feminino, vincula, de corpo inteiro, as raras aptidões dum observadôr e dum dramatisa, dum homem de letras e dum homem de scena, que, logo á entrada, doma e domina o público, pegando-o de cara pelos chifres e falando grosso do alto do seu valor, á turba multa dos que o acotovelam, o escoicinham, e, mordendo-lhe os calcanhares, lhe dizem blandicias nas folhas e lhe sablazam tiros nos bastidores.

Mas vá de contar a peça, que isto de uma obra de estreia se aguentar no raconto sencillo de exame, sem tropeções de inverosimilhança, sem solavancos de ilogismo e sem palmanços de chamar a policia, é já como a prova dos nove de que dá conta certa de si, sem trapalheiras nefelibatas de simbolage, quem, reconhecendo que o teatro é uma talhada da Vida, focada através dum temperamento, ou descarnada em tórno duma idea, tem pulso e tem miolos para ir para onde quere, como quere e com quem quere, sem pedir licença aos vizinhos e sem surripiar as muletas aos parceiros...

O que não sendo tudo — é já alguma coisa, chega mesmo a ser muito, em terra em que as ideas se palmam como lenços e as celebrações nacionais se criam na choca-deira da imbecilidade, ao fogo lento da patifaria...

Numa casa humilde. Reconhece-se segundo a precisão aprimorada da rubrica, pelo colorido dos cortinados de chita, pelas jarras com flôres bem colocadas e por outras pequenas notas ornamentais, que alguém de bom gosto, embora sem recursos, se preocupa com o interior da pobre mas interessante sala, dando-lhe em côr o que lhe falta em preço e comodidade.

Cria-se, assim, um ambiente revelador, colaborando scenograficamente, desde logo e até final do acto, na definição indispensavel do meio e na modelação estrutural da protagonista, que, ainda fóra de scena, co-

meça a mostrar-se e a interessar o público, logo ás primeiras réplicas da mãe e do filho, ela a passar a ferro, ele em preparativos de almoço, azoinando-se e rezingando a bôa da velha engomadeira com o pobre diabo do rapaz, todo desculpas e escusas para a delambida da moça, pindonga e azevieira, a deixar a ama em esfalfas e canceiras do trabalho para fóra, em arrumos de casa e apertos de rol — para andar a luzir-se, sabe Deus por onde, com trapos



AUGUSTA CORDEIRO

Na Senhora Emilia

Desenho de EDUARDO MALTA

do avêso, fobias de luxo, halucinações de pedrarias — no fundo, ancias insatisfeitas de cio e patuscada, a abrir racha, a escancarar grêta na aura histerica duma nubildade estuante, em labaredas, á mercê do primeiro assôpro do Demo, sôbre a estôpa do primeiro atracão do Acaso.

E quando, precisamente, o bom do rapaz confessa á mãe, para lhe tapar a bôca, que tem a obrigação moral do casorio a prazo fixo, porque foram ás do cabo e já não ha valer-lhe com trapos quentes, e, num repelão de revolta honesta, a velha revira e não só transige com a bôda, mas a impõe, com permuras instantes de hora certa e pagamento á vista: — *Uma criatura que me tinha sido confiada, Carlos! — Tens duas coisas a fazer imediatamente: casar e metê-la na ordem... Que trabalhe... que trabalhe... Que tenha juízo d'hoje em diante, já que o não teve até agora...* — a Zilda entra, escuta, e, na crispação colérica de todos os seus nervitos destrambelhados, implicante, arreliante, irritante, torturante, brinca com a paixão sentimental do rapaz, com a volupia felina duma gatita de luxo e de raça a estorcegar entre as patas, com as unhitas aceradas, um morsango que lhe dá asco e prazer, que a arripia e a enoja...

Não casa, galinha de campo, não quiere capoeira.

Numa curiosidade morbida, numa perversão lenta, calculada e fria, foi ella uma vez, por capricho, por maldade, que se entregou. Deu se. Ninguém lhe deve nada. Nada. Estão quites. Pagos e satisfeitos. Cada um para seu lado, cada qual seu rumo...

Vale lá prender a Vida, a um contato rapido, halucinado, de momentos...

E a forma, bruta e sêca, da repul-

sa, a esbater-se na delicadeza pudica da confissão, é um dos mais belos claros-escuros, que, na lei dos contrastes, — ainda e sempre a dominar na carpintaria da scena, e nos efeitos seguros de todas as Artes — eu conheço na dramaturgia de escol, magistral e perfeita, das poucas e rarissimas peças, que contam e marcam no teatro contemporaneo.

E, naturalmente, o dialogo é cortado pela entrada da vizinha, a Clara, costureirita, a quem — abalado porta fóra o Carlos, a alma num trapo, o coração a desfazer-se, — a Zilda conta, entre orgulhosa e enraivecida, o seu encontro na rua com um janota que a persegue, constante e impertinente, a oferecer-lhe mundos e fundos. Depois, cupida, tetanisada, cicia-lhe, em êxtase, a sua obsessão pelas joias, a tentação demoniaca da

perola, que lhe ri, que lhe fala, que a acaricia, que lhe morde, que a namora do escaparate d'um ourives — a atração banal, de sabida, das montras ricas sobre as carnes moles e as vaidades rijas de todo o bicho-femea — a aria classica do Fausto, sem tremulos sentimentálicos de solfa e com gritos estridulos d'um desejo desenfreado, que explode na rebeldia ás pri-



A «MARIA CLARA»
Por STUART CARVALHAES

meiras investidas da alcoviteira, nos safanões sacudidos das replicas sibilantes, às ofertas sem limites e sem condições de Manuel de Castro — o janota da rua, o janota de todos os dias — que, na satiriasse pulida e brava de esteta rico que o acicata ha mezes, vem, pé ante pé, atraz da alcôfa e apenas sae e parece desistir quando os tacões da engomadeira já rangem escada acima.

E o acto fecha, o pano cae, sob o graniso impertinente das perguntas da velha, epilogadas no rompante da moça, levantando-se, pegando na peliça, a pisgar-se, escada abaixo, enquanto, estarecida, diz a rubrica, a senhora *Emilia, a meio da scena, tomada da maior surpresa, benzen-do-se*, remata:

— *Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo. Amen!...*

do-o, fazendo o viver e sentir, através da ficção da ribalta, o sentimento e a Vida que o talento privilegiado do sr. dr. Alfredo Cortez — inde-



ROBLES MONTEIRO

Interprete do papel de Manuel de Castro

Acto cheio, completo, movimentado, vigoroso de equilibrio, palpitante de Vida, estuante de Verdade, em que os personagens se desenhão, se contornam, se modelam, se agitam, pensando, sentindo, falando, vivendo. num dialogo sobrio de literatura, bem talhado, bem urdido, bem conduzido do principio ao meio, do meio ao fim, sem deslizos, sem subrodas, sem portas falsas — na simplicidade cristalina do pão, pão, queijo, queijo, e, apesar d'isso e por isso mesmo, em laminas de aço, bem polidas, bem temperadas, que envolvem e prendem os olhos e o espirito do espectador, interessando-o, concentrando-o, emocionan-

pendentemente da contribuição falível dos seus colaboradôres de scena — soube transportar para bastidores e conseguiu crear no palco.

Porque esse interesse desperta-se, essa concentração radica-se, esse sentimento permanece, essa Vida irradia, na leitura do livro — e d'ahi ser o primeiro acto da *Zilda*, mais do que a estreia auspiciosa d'um autor dramatico, a revelação autentica dum temperamento original, masculino e creador de prosista, que, dês da feitura d'este acto, marca, em pleno sol, o seu logar de destaque entra a meia duzia de escritôres que ainda

sabem escrever portuguez em terras de Portugal.

sespero, num dó d'alma. Não podi
vêr a mãe. Deitava lhe as culpas
maldizia-a. A mãe, coitadita, num va

No segundo acto, *sala de bom gosto, simples, invulgar e comoda*, porque Manuel de Castro, o dono da casa, sendo um homem rico — coisa que oíço dizer, acontece a muita gente — é um sibarita inteligente e culto, — o que sei de sciencia certa não ser nada vulgar — isso lhe impõe a obrigação estetica de armar com comodidade e grandeza, com confôrto e requinte, a gaiola dourada da pêga, que, emfim, lhe cahira na rêde e viera, de casa e pucarinho, instalar-se e fazer ninho no bebedeiro elegante dos seus aboizes, onde Zilda, no poleiro, se espanteja e tufa, na plenitude das suas aspirações de luxo, na satisfação, plena, exuberante, das suas tentações de sêdas, de rendas, de peles, de joias caras, de perfumes raros, — módas, trapos, bagatelas, caprichos, nada, que custam rios de dinheiro e que só fortunas doidas pagam — parras biblicas da mãe Eva, em complicações hipercivilizadas que o Demo inventou para tormento e castigo, gôso e expiação dos paes-Adões, novos-ricos, a quem o tendeiro sarrazina não pede a conta e os filhos catraios não rompem calçado.

E a Clarita entra, inquieta, con-frangida, atordoada pela atmosfera de opulento pecado que a soffoca. Eram amigas. Vem vê-la. Zilda insistira pela visita. Cedêra a custo, muito rogada.

Trazia lhe más novas, ruins contos. O pobre do Carlos, coitado, maluco, doidinho de todo, num de-



AMÉLIA REY COLAÇO
Na Zilda

le de lagrimas, num pranto desteito, a pobre da velha. Zilda, querendo parecer que não, interessa-se. Comove-se, mas contem-se. Retrae-se. Não torce e não quer mostrar-se,

sobretudo, repesa, aos olhos da amiga. Pede-lhe que lhe traga o Carlos. Quere vê-lo. Falar-lhe. Talvez falando, lhe passem os males de amôres. Talvez possa esquecê-la. A's vezes acontece, mesmo nos romances ella tem lido isso: uma desilusão forte matando um amôr louco. Que lh'o traga ali... A casa d'ella, sim, ali mesmo. E' tão facil. E' só a Clarita querer. São tão amigas. Ha-de querer por força. A Clarita nega-se. Nega-se, impedernidamente. Um não redondo. Pode lá ser... Um disparate assim... Uma crueldade. Um perigo tão grande.

Mas quebra-se, afinal. Transige. Promete. Cede. Tem que ceder, porque a Zilda é assim. Em metendo a cabecita, os outros do-bram-se. E de cara alegre... De cara alegre que a Zilda não quere vêr lagrimas em quem a serve, em quem a estima. Todos alegres porque toda ella é alegria. Toda felicidade. Mostra-lhe as joias. Vae buscar-lhe a perola extranha, a perola linda, que da montra do joalheiro a namorava, a seduzia. Agora é sua. Está ali solta. Inutil. Só para ella. Só para o regalo dos seus olhos. Para a volupia de a palpar. De a sentir. De lhe chamar sua. De lhe chamar Zilda.

Manuel entra. Afaga-a, numa caricia longa de posse satisfeita. Trata-a em brinco de criança, em estatueta fragil, que um capricho quebra, uma tristeza amolga e pode partir. E saindo a Clarita, com a promessa formal de que voltará com o Carlos, o dialogo futil com Manuel, com os intimos que vêm para o jantar, tem a leveza volatil d'uma espuma de rendas — entreabrindo-se, em indiscrições de desenho, em inconfiden-cios leves de modelação, que dão, num ambiente calido de estroinices e desvarios de pecunia, a modelação

forte das almas: a paixão fria de Manuel, a queimar as ultimas herda-des; a luxuria cupida dos amigos a fariscarem-lhe a traição possivel da amante; o colar de trinta contos que o joalheiro impinge, em duas venias, dois salamaleques, do pé para a mão — e a Zilda, chilreante, arru-lhante, cacarejante, toda a espanejar-se e a tufar, filha das hervas em filha de reis, em Princeza-encantada dum conto de Amôres — no dominio su-premo dos sentidos e das almas, dos desejos e dos cios da roda-galante dos seus gentis-homens, seus pagens e seus namorados...

Mas elles vão lá dentro a ouvir Manuel lêr-lhes uns contos inéditos e é na scena com João, um dos intimos, que Zilda se mostra no



MATOS REIS

No papel de João Barrêto

Caricatura de AMARÉLHE

seu fundo honesto de bôa rapariga, farroncando preversidades: *Todo o mal que se faz de cara levantada sou capaz de o fazer. Sou... Tenho feito muito. Mas o mal que se pratica às escondidas, com embustes, com mentiras, com traição, esse nunca o praticaria...*

E nega-se-lhe, dá-lhe com a tampa, incapaz de atraçoar o Manuel, não porque o ame e não sinta uma pontita de sentimento pelo outro — mas porque á lisura recta do seu temperamento em zigzagues isso repugna e enoja como uma coisa feia, uma coisa porca, uma coisa torta.

Nisto volta a Clarita. Não traz o Carlos mas não resistiu a trazer a senhora Emilia. Zilda abespinha-se. Suspeita uma traição, um conchavo de senhoras visinhas. Clarita defende-se. A pobre da engomadeira pedira-lhe tanto. Era mãe d'ele, do Carlos, mas fôra ama d'ela, da Zilda. Está por tudo com tanto que salve o filho e a livre também a ela daquelas carépas de luxos e riquezas, que são a vergonha, que são o pecado. Chora. Mas diante da irritação obstinada da Zilda, a sua submissão de mãe e de escrava estoira-lhe numa onda forte de colera e de indignação.

O pranto sufoca-a. O coração rebenta-lhe. Tem as ameaças d'uma síncope. Acodem os íntimos. A tropa toda: o Manuel, o João, o Miguel, o Dr. Veiga, que pelos modos é medico... Mas a velhota encrespa-se, amaldiçôa, e quando Veiga lhe toma o pulso, *retira-o com dignidade, levanta-se e, amparada a Clara, sae vacilante.*

E o acto fecha na atrapalhação natural dos circunstantes, a mirarem em pasmo a Zilda, numa pilha, faiscante, em plena aura histerica, apeteendo-lhe morrer *num grande voo em direcção ao Sol...* Com os olhos



CONSTANÇA NAVARRO
No papel de Maria Clara

cravados nele, tão agressiva, que nem o Sol o fosse mais do que eu... Subir... subir sempre e sempre d'olhos fixos... E lá muito em cima, muito perto, quando tudo fosse fogo á minha vista, cair estonteada no espaço, vertiginosamente... Estatelar-me!

Um sôpro aspero de tragedia prepassa por entre a filigrana irisada do dialogo leve em que a acção se vae desenvolvendo e desatando, acentuando-se em traços fundos de caracter, em cinzeladas rijas de observação; o desenho nitido do extranho temperamento da Zilda, alma, como disse, complexa e contraditoria, mas alma — caramba! — de mulher, com todos os requifes e requintes, com todas as teclas e as gamas todas

duma femeasita de carne e osso — picada pelas taras ancestraes do luxo e do deboche, amolecida pelos vincos da educação frustrada nos folhetins do *Seculo* e nos versos acessiveis á trapeira duma casa de engomados, e atirada, de roldão, para o ambiente proprio, para o habitat natural de todas as suas tendencias e de todo o seu sangue: — passarita de luxo, em gaiola doirada, trinando amórios aos passarões que em torno do poleiro lhe arrastam a aza e lhe enchem com perolas, em vez de alpista, os cristaes preciosos do comedoiro.

Uma nesga luminosa de sentimento a nuançar a impureza crua dos fundos, a scena violenta da engomadeira, a dar o maximo de tensão á vibratilidade emocional das plateas e o acto, resultando a sequencia natural e logica do antecedente, o elo encadeado do que vae seguir-se, confirma corrobora e amplifica todas as qualidades de dramaturgo e de homem de letras que, logo de entrada, no 1.º acto, consagraram entre os Eleitos, a individualidade forte, autonoma e de escól do sr. Dr. Alfredo Cortez.

Acto de transição — que eu diria dispensável e de bom grado sacrificaria para transformar a *Zilda*, duma bela peça numa pura obra-prima de teatro — o 3.º acto desenrola-se á porta d'uma casa de batota — que é, como diz a rubrica, *o hall arabe dum grande Club mundano* — uma d'aquelas alfacinharias do Vicio, muito de se verem, ao que me contam, nestas tripotarias relaxa-

das e luxentas de novos-ricos, fidalgos pobres e tropas depenados em que está a cantaridisar-se, em deboches e jogatinas, a classica Lisbia da minha mocidade, a Lisbia acatitada e pelintra, que já não era e nunca foi a Lisbia-amada do marmore e do granito.

Não desmanchando o conjunto estrutural da peça, dando-lhe movimento e côr, talvez pitoresco e cronologia, serve, apenas, para marcar em duas ou trez replicas facilmente transportaveis para o acto antecedente ou para o acto seguinte — a continuação do cêrco á dama por banda dos dois intimos, João e Miguel; vincar a resistencia periclitante e froixa da Zilda, á sua inclinação crescente pelo João e não deixar no espirito do espectador qualquer sombra de duvida sobre o desbarato dos ultimos vintens e sobre a ruina inevitavel de Manuel de Castro — que, alem do luxo das mulheres, em compendio de virtudes do bom-tom, cultiva, tambem, o vicio do jôgo.

Como estudo do meio, articulação de movimentos e plantio de silhuetas episodicas, esboçadas do natural, colhidas em flagrante, com espirito e com unhas, o acto não é menos interessante do que qualquer dos outros e faz bôca, realmente, como aperitivo, para as sensações fortes deste acto final, que rompendo, *no gabinete contiguo ao escritorio de Manuel de Castro*, — toda a scena escura e grave — com a chamada ao telefone do Miguel, a quem Manuel de Castro tem de falar de negocios, e indo, gradual, mas rapido, em scintilancias de dialogo e cristações de emoção, ao tiro epilodal com que Manuel faz saltar os miolos, por já não ter um chave para sustentar a moça e ter sacado

a descoberto para lhe pagar o colar de perolas — é, como técnica teatral, e carpinteria de scena, como analyse de almas e criação de tipos, um acto de prova e de exame, rematado, com brilho tragico, em todo o jôgo scenico da Zilda, que tendo, enojada, sacudido, num gesto, a derradeira insistencia de Miguel para juntarem os trapinhos e abalarem mundo fóra,

por palavras: Sim?! aponta com o braço tremulo a capa caída no chão. Miguel coloca-lh'a nos hombros, ampara-a pela cintura, e saem ambos, receosos, elevando a Zilda a capa para tapar a cara, ao passar pela saleta onde está o morto, como quem tem medo de que ele ainda a veja.



HENRIQUE DE ALBUQUERQUE
Interprete do papel de Miguel Côte-Real

E' teatro.

E' Arte, porque é miserrimamente humano. Desgarradoramente belo, porque é tristerrimamente vivido.

E sendo toda a peça, em absoluto, original, não tendo um dito, uma scena, um personagem, uma situação que de longe nos evoque qualquer das milhentas peças que, cá dentro e lá fora, tem focado na ribalta estas estranhas e capitosas flôres da carne, de que a *Zilda* fica sendo, no teatro portuguez, o mais belo e mais nervosado dos botões, a *Zilda*, obra de estreia do sr. dr. Alfredo Cortez, sendo, como literatura e como teatro, uma bela obra de Arte em qualquer literatura ou qualquer teatro do mundo, é como Arte, quasi perfeita e seria uma incontroversa obra prima do teatro contemporaneo, superficial e lesto, sem grandes envergaduras e sem grande alcance, se, expungida da excrescencia quasi inutil do terceiro acto, a ação se concentrasse e as sensações do espectador se comprimissem nos trez actos restantes; sobrios, rapidos, fulgurantes, modelares.

em lua de amôres e queima de libras, caminha timida até á porta da salêta onde Manuel acaba de suicidar-se, *recua aterrada, tapando os olhos: — Que pavor... Tenho medo!... e dando de cara com Miguel, recua ainda um passo, assustada, mas, logo muda de expressão, como quem vê rasgar-se uma saída. Para muito longe! Muito?!... E logo, quasi mais por um gesto que*

Depois da *Zilda*, o sr. dr. Alfredo Cortez, que poderia e deveria esperar que todos os teatros lhe abrissem de par em par as suas portas, que empresarios e artistas açodados e á compita lhe rondassem a casa, solicitando-lhe as obras, viu recusada por todas as empresas de Lisboa a sua peça em 3 actos *O Lodo*, que posta, testaruda e audaciosamente, em scena pelo autor, foi representada, em récita unica, no Teatro Politeama, nos principios de julho de 1923.

Embora, já então, estivesse a desafazer-me do mau sestro de ler jornais, tenho idea de haver chegado té mim o eco retumbante das formidaveis tundas que, na imprensa e em nome da Moral ultrajada, não houve escriba aliteratado que não zupasse, fero e rijo, no autor e na obra, reclamando do Estado, os mais fervorosos em suas coleras, se enghorocassem comités de censura, com olheiros da Pudicicia Nacional, para relegar á policia e meter na cadeia, sem mais forma de processo, os sclerados autores dos crimes nefandos de pôr em scena, com carradas de talento e intuitos alta e poderosamente moralizadores, os quadros vivos da baixa miseria social — premiando, é claro, com os aplausos e benções ferventes das grandes e pequenas tiragens, para maior honra e gloria da Moralidade Lusitana e suas adjacencias, os quadros-sujos, pornograficos e afrodisiacos, dos *mail-lots* obscenos e das larachasmal-soantes de todas as revistécas e magiquêtas que por ahí pululam, fazendo a fortuna de empresarios e revisteiros e a delicia fazendo de pucelas casadoiras, seus papáses, irmãos e noivos que, nos salsifrés do Bairro e forrobódós da Sociedade, maxixam e jazebandam os seus números mais bréjeiros e desavergonhados.

O escandalo foi tremendo e o caso não era, em verdade, para menos.

Todos os três actos de *O Lodo* se passam no mais sordido bordel da Rua-Suja, em plena Mouraria, entre rufias baratos e rameiras de navalha na liga e número na policia.

Mas a-pesar disso, por isso mesmo talvez, *O Lodo*, sendo, como peça de teatro, uma obra-prima de teatralidade, de emoção e de sentimento, é, como obra de Arte, austera e perfeita, uma das mais belas e moralizadoras peças do teatro contemporâneo.

Na scena portuguesa enfileira *O Lodo*, tragedia do Fado, hombro a hombro com a *Dôr Suprema*, tragedia burguesa; e, se Marcelino conseguiu dar livores de comoção, arripios de pavor, ás plateas sentimentais de ha trint'anos, graças ao seu talento e á colaboração de scena de João Rosa, que era um mestre, e de



JOÃO ROSA

Cliché BOBONE

Santa Virginia, Nossa Senhora, que então era a Rainha dos Palcos e dos

tura e põe certo esforço em enfiar a agulha, tarefa que principia a ser difícil para a sua vista cansada.

Resmunga com uma das moças, que lhe ajuda a enfiar a agulha. Entra, com freguês, Julia, a filha mais velha, que, em arremessos e maus modos, se refere à irmã mais nova que dorme numa alcova ao lado: — *A janota da minha irmã... Em a gaja cá estando em casa, tudo isto é puxado ao maior respeito. Muito respeito e muito silencio, que a cavalheira ind'ê honrada e o barulho pode... fazer-lhe mal.*

Sós, mãe e filha, discutem questões de interesse, quarenta mil reis que a velha lhe emprestou, e rompe da discussão, o eterno pomo da discordia, o macho, o rufia, que a filha roubou á mãe — a braza do ciume sordido que as queima e as consome em labaredas de furia e de lama.

Mas Julia sobe a aviar o freguês e com Marcolina, criada vulgar de alcoice, a Domingas desabafa num rompante: — *Nunca mais se abre a porta a esta criatura, mas a criada rezinga, de acostumada a tais ordens que nunca se cumprem, e, em comadres, as duas, abordam o caso estranho, o caso grave que as absorve e as preocupa: A Maria da Luz, a outra filha, a boa, a inda pura, a quem a Julia tem uma osga que a não pode tragar... Parece que lhe arranha o coração o bem dos outros e enquanto a não vir também na lama não descansa.*

Marcolina propõe-se a ir tirar a limpo o misterio com os padrinhos da menina... *Uma casa onde ela estava desde pequena, tratada não como afilhada, mas como verdadeira filha, e donde veio embora, de repente, sem se saber porquê!...*

Num trago de agua-ardente, para apagar paixões, as duas separam-se



MARCOLINA

Por STUART CARVALHAES

com a exclamação pungente de Domingas: — *Salva-la a ela, ao menos, dêste inferno... que se a vejo bem e a morte me estoira... já não peço mais a Deus!...*

Mais uma golada e Facão que entra bamboleante, em fadista bem posto, casaco debruado a astrakan, calças justas, chapéu claro, quasi branco, cabelo puxado á testa, aneis e corrente de ouro, brigando logo os dois, a velha que quer a chave da porta. Facão que lha nega, com insinuações ameaçantes, já de chantage, a borrêga que dorme ali ao lado, e, sem fazer chiada, sem fazer grulha, os dois que desfiam o longo rosario das suas misérias, num tom azedo, de velhos odios e velhos amores, concentrados, represos, e que ameaçam explodir, quando o rufia, propõe reatar, voltar á antiga, mesmo nas barbas da Julia, continuando, é claro, a explorar e a bater as duas para evitar scenas, poupar vergonhas,

que sempre é uma mãe e uma filha nas bocas do mundo.

E todo o passado da velha vem à baila numa baforada sinistra de drama e de vergonhas: *eras filha dum grande janota já sei, casada com outro, mas foram-se ambos p'r'o major e tu ficaste á paisana. Onde te encontrei? Na moína. De chaspelinho, mas a pedir esmola p'ra mósquives, mais as miudas. E desde que eu me alapardei nesta casa nunca mais cá houve traça...*

Mas Julia, aviado o freguês, volta á scena, e aproveitando o querer a velha, no momento, evitar barulhos a todo o custo, não vá despertar a Maria da Luz, os dois, conchavados, já de acôrdo no assalto, fazem a proposta de voltar ao ninho, tomarem conta da casa e do negocio, *que dá um dinheirão medonho, sem ninguém se ralar, e, como o que é justo*



MANUEL FACÃO

Desenho de EDUARDO MALTA

é justo, a maior queijada é ali p'r'á patrôa.

A velha nega-se. Obstina-se. Expulsa-os. Eles recalcitram. Rugem. Vem as ameaças á outra, á Maria da Luz que, pelos modos, suspeitam, já se atravessou no negocio. E no paroxismo da colera e da aflicção, Domingas ameaça-os e amaldiçoa-os, rangendo os dentes exaltadíssima, — *Nem na hora da agonia... nem para o perdão de Deus! — caindo nos braços de Maria da Luz, que aos gritos destemperados da mãe, acudiu, descalça, em camisa e enfardelando um casaco que a cobre até meia perna.*

Maria da Luz é uma figurinha fragil, graciosa, senhoril. Ampara a mãe. Acarinha-a. Procura calma-la.

A velha, num chôro convulso, arfa, arqueja, de desespero e de dor.

Com bons modos, meiga para a irmã, Maria da Luz, pede-lhe que saia, que se vá, que deixe sossegar a mãe e que volte amanhã... Hão de falar as duas... Tudo se ha de compôr... Mas que se vão... que se vão os dois...

Facão intervem, brusco, ameaçador, que a êle ninguém o põe na rua... e á brutalidade directa, sarcástica: *Querem ver... qu'inda tenho de apagar a luz?*... Domingas, levantando se, como impelida por uma mola, em leôa ferida a defender a cria, ruge apavorante e apavorada, e lança-se cega contra ambos: ao Facão, ameaçando-o, com denúncias á policia, de velhos crimes esquecidos, á Julia, gritando-lhe, revelando-lhe as ultimas propostas sordidas do amante.

E enquanto os dois, surpresos, quasi se engalfinham e acabam por sair, gingões, em sarcasmos á velha, esta, estorcegada pelo chôro, cai, convulsa, como um trapo, como uma rodilha, como um pobre esfregão

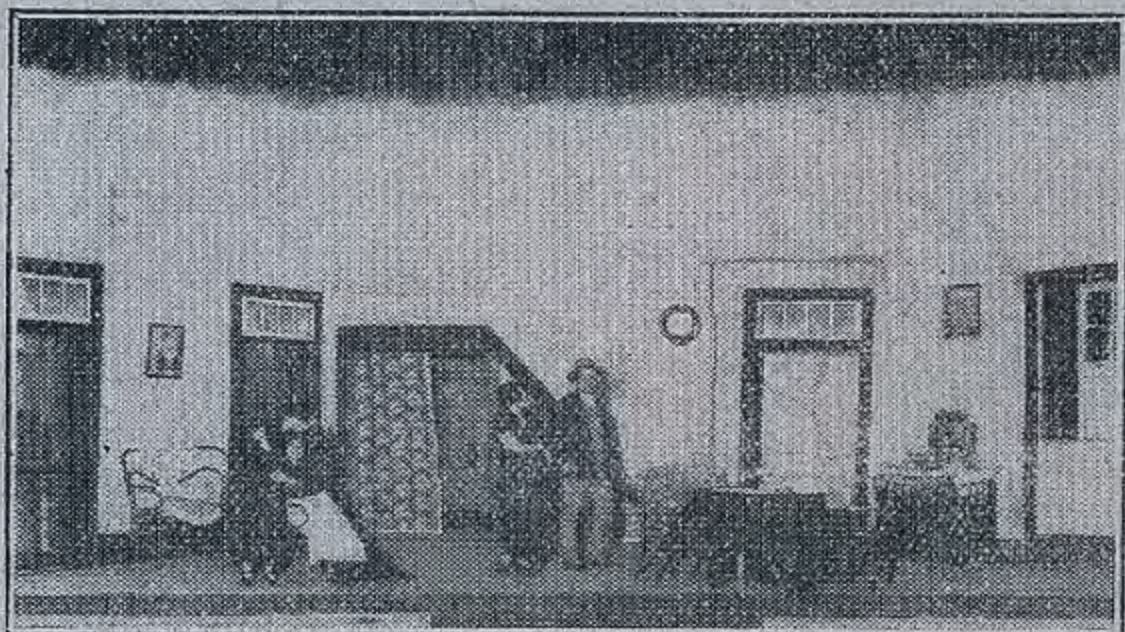
humano, junto de Maria da Luz, que, consumidíssima, não se atreve a intervir.

E o pano lento desce...

Shakspeare em calão da Mouraria — mas sen pre vale bem mais isso do que todo o Dantas, e os outros todos, em linguagem erotica da Academia e dos salões, ao *Ouvindo de*

o castical ainda aceso, apaga-o e vai pô-lo debaixo da escada, numa prateleira.

Depois enxuga os olhos, onde ha ainda vestigios de lagrimas, enche um calice de agua ardente, bebe-o vendo Maria da Luz, que sai nesse momento, já vestida, do quarto, numa voz que é uma carícia, começa o dialogo, longo, longo, emocionante, desgarrador, confrangente, tragico, que dura o acto inteiro, num cres-



O LODO — Scena final do 1.º acto

Madame X., a dizer-lhe *Como Elas amam* e, no *Serão das Laranjeiras*, entre *Crucificados* e com a *Soror Mariana* á cabeceira, como a *Severa* amou e morreu de Amor...

No segundo acto, o mesmo scenario. O mesmo candieiro aceso sobre a mesa. A mesma disposição em todas as coisas. Tudo como ficou ao concluir o primeiro acto. A scena vazia. Pouco depois ouvem-se passos na escada. É Domingas que desce, com um jarro numa das mãos e um castical aceso na outra. Atravessa a scena, sai, pouso o jarro, volta com

cendo isocrono, obsessionante de almas que se rasgam, corações que se dilaceram, sentimentos que se esfarrapam, duas vidas que se esfrangalham, miserias negras que se apalparam, desgraças sombrias que se sentem, dores lancinantes que se vêem; um turbilhão de lodo e um bloco de candura que se entrechocam entre a mãe, sagrada pela degradação em que caiu, e a filha, que a degradação materna amarfanha, estorcega, esmaga, em ancias de libertação e de revolta, em haustos de sacrificio, fremitos de repulsa — gritos estrangulados de angustia e de abnegação, lagrimas amarissimas de maior e mais santo dos sofrimentos

miserrimas lágrimas do maior e mais buro dos amores.

Dolorido, cruciante sofrer de mãe, que se redime pelo amor á filha; maculado, celeste amor de filha, que se sacrifica á redenção da mãe; — todo o dialogo, todo o acto, entre as duas mulheres, sózinhas em scena, é de tal pureza helenica de cõrte, de tão austera sobriedade de trucs, que, indo ao auge da emotividade humana, atingindo o paroxismo da tensão galvanica, tetanizante da nervaria flaccida das plateas contemporâneas — curtidas em sensações fortes, bem plantadas e nas tintas para as ficções da dramaturgia de faca e alguidar — é, sem contestação, sem exagêro, muito pura e simplesmente, como literatura e como Arte, a mais bela, mais perfeita, mais completa e mais arrebatadora página de teatro que em português populaceiro e são, sonoro, redondo e vivo, se tem escrito em boa lingua portuguesa.

A mãe escarna, escancara aos olhos puros da filha, gradualmente, pedaço a pedaço, escalão a escalão, torpeza a torpeza, toda a hedionda odissea do seu martirio de abjecções e infamias — a fatalidade demoniaca que a arrasta e a impele e a despenha nos abismos torvos em que se arrasta, em que se contorce, em que se esfacela, em que toda a vida se entorvelinhou, cada vez mais, cada vez pior, cada vez mais baixo, cada dia mais fundo, cada dia mais sem perdão, cada dia mais sem remedio.

Dês da iniciação, longinqua, distante, que, como num pesadelo de agoiro, num signo tremendo dos Fados, num presagio lugubre do Destino, a faz recordar da infancia, *como dum lindo sonho...*

— Não nasci neste meio, nem desta gente... A minha infancia recordo-a

toda como um lindo sonho... Lindo, sim... até um dia em que eu e outras brincavamos num campo muito grande e muito cheio de sol! O que nós ríamos e corriamos, e eu mais que todas, disparadamente, nuns grandes saltos! O sol picava toda a minha alegria infantil, que era bem a alegria de viver!... Corria... corria á doida, até não poder mais; e fui cair cansada, numas pedras, á beira duma agua muito negra, que me fez logo aflicção. Como podia, no meio de tanta luz, ser aquela agua assim tão fria?! E sendo pouca, porque se lhe via o fundo, porque dava a impressão de não ter fundo?!... Debrucei-me... Caí. E logo uma terra mole e vagarosa principiou a abrir-se para me engulir! Gritei, grita-



MARIA DA LUZ

Desenho de STUART CARVALHAES



ADELINA ABRANCHES

Na Domingus Capelôa

ram todas, debatia-me... E o lôdo a engulir!... Ninguém que me acudisse... E o lôdo a engulir sempre, devagar!... Sentia-o como uma lesma a subir pelo meu corpo! Era bem a morte, a morte fria, a morte

negra, que se apoderava de mim a pouco e pouco!... Que horror! Que horror! Sentir a propria terra a abrir-me a cova! Ser enterrada viva!... — (Pausa. Noutro tom). Acudiram. Veio gente. E o lôdo até ahi duma moleza desleixada, criou logo fôrças para lutar. Prendeu-me pesado e forte. Sugava com desespero. Vi-o espumar de raiva. Tiravam-lhe o que era déle... o que já era déle... — (Transição) — É isto afinal a minha vida e não queiras saber mais...

Até a confissão derradeira, o rechinar do pus, na gangrena putrida da sua chaga mais oculta, mais secreta, mais nojenta e ascorosa... o elo de ferro que me chumba a isto para todo o sempre... a prisão de que ninguém me poderia libertar... o ciúme da Julia, o amor pelo Facão... ela vai contando tudo, tudo, á filha, que, mais e mais, sempre e sempre, em carinhos doces de ternura, em balsamos suavissimos de perdão, em confôrto santos de energia, a cada novo pavor retruca com nova esperança, cada nova miséria sagra com novo sonho, procurando liberta-la, redimi-la, leva-la consigo, para uma vida nova, um meio novo, uma velhice calma, honesta, decente, de trabalho, de sossêgo, de regenera-

ção — as duas lutando, as duas sofrendo, as duas chorando, mundo fora, vida adiante, encarando o futuro sem olhar para trás...

.....
O pano vai descendo lentamente o acto fecha numa inversão angelica de sentimentos, como que diríamos numa troca sublime de papéis — é a filha que maternalmente vai adormecer-lhe as lagrimas, cobri-la, piedosa, com a aza tepida de todos os perdões, á pobre da mãe, coitadita, que quebrada, vencida, se deixa levar, se deixa adormecer como uma filha docil, toda carinho e todo amor..

Na escabrosidade crua do fundo, resplende e estua a castidade forte de tudo o que é grande, de tudo o que é Belo.

Acto perfeito.

Arte soberba que transmuda as paredes torpes dum prostibulo reles no tabernaculo santo duma abnegação de filha, dum amor de mãe...

Se o sr. dr. Alfredo Cortez não é um homem de teatro, o nosso primeiro e talvez unico dramaturgo — nós somos duas bestas...

Eu que o creio e o afirmo e o leitor que me acredita e concorda.

No terceiro acto, a mesma disposição em todas as coisas. Maria da Luz, sentada á mesa, relê as ultimas páginas duma longa carta — a carta á madrinha, contando-lhe os seus novos planos de vida — conclue, subscrita, vai fecha-la, mas suspende ao ouvir rodar uma chave na porta da rua.

E' a irmã, a Julia, que tendo estado a rondar, á côca, durante o acto antecedente, vem tirar a limpo o que se passou, o que estiveram congeminando as duas, a mãe e a irmã, enquanto ela lá fóra mai-lo amante deitaram contas à vida, aos lucros que a casa dá, ao que o negocio pode render e ao perigo da velha abalar com a pequena, fechar a porta, trespassar o estabelecimento e abotoarem-se as duas, sabe Deus onde — com o chorume daquela dinheirama toda.

A cupidez do interesse a acicatar a ferocidade do crime.

O acto é rapido. As réplicas sêcas. O dialogo sibilante. Num arripio crescente, avassalador, sente-se rodopiar a acção vertiginosa para a fatalidade sangrenta do epilogo.

O dialogo entre as irmãs é cortado pela entrada da mãe, que se abre toda, num rompante sêco de desafio.

— *E dahi?... quero que saibas que vou realmente com a tua irmã, viver com ela, do trabalho dela. Sairemos ainda hoje e o mais depressa possivel. Mas a casa não é para ti. Negoceio-a... Quero lá ter ao canto da gaveta, dinheiro para lhe acudir, se a vir doente, ou sempre que precisar de mim, comprehendes? Sim... Agora debes ter comprehendido que tens de desistir duma vez para sempre do que é meu.*

E hirta, desaparece no interior da casa, vai lá dentro, batendo-lhe com a porta na cara.

As irmãs ficam frente a frente e Julia investe. Impõe-lhe que deixe o campo livre — *Desandas lá p'r'ó padrinho ou madrinha ou p'ra onde te tens gasto, que não te chamaram cá,* e como Maria da Luz resista, se negue, e acabe, energica diante de todas as ameaças, por articular um

derradeiro *«Fico!»*, Julia passa-lhe um lenço pela bôca, cruzando-lho na nuca. Estrangula-a.

Domingas, atraída pelo barulho, surge á porta.

Cambaleante, leva a mão ao coração, respira a custo, e impede a saída da filha, que, fleugmaticamente, batendo o chale, se prepara para a fuga — *Não saís. Has de pagá-las todas... Vou entregar te á policia... Assassina!... Assassina!...*

Não ha meio de profanar, em amanhos de sintese, em esbatidos de raconto, a pungente beleza, crua, rude, brutal, sanguinolenta, mas a profunda, a viva, a radiosa, a absoluta beleza das réplicas e das rubri-



MARIA DA LUZ (Constança Navarro)
DOMINGAS (Adelina Abranches)
JULIA (Amelia Rey Colaço)

cas do acto, que, em obra prima, se desfecha e termina assim:

JULIA

Atirando o chale fora, num rompante, caminha sobre a mãe, deita-lhe as mãos e, dobrando-a — 'Ta

bem! Sim! Grite! Chame gente, mexa-se como lhe der na tola que p'ra mim é tudo igual. — *Dobrando mais e falando lhe cara a cara, de cima para baixo* — Mas primeiro ha-de ouvir me... Hei-de cantar-lhas todas... Arregale bem êsses olhos... Arregale-os bem aqui p'r'ós meus. Sou uma galderia, uma ladra e uma assassina!... Sim! Uma assassina!... Sou o que vocemecê fez de mim. Não 'stá contente?!... Não aprendi bem? .. A espreitar pelas portas e a vê-la receber homens... a gostar dos que vocemecê gostava, como vocemecê gostava, pondo toda a canseira do meu corpo em manter um que me goza, que me vende, que me bate, não sou bem a sua filha toda, a que não tem padrinhos, a que se relaxou nestas taboas, coçando a mesma sarna que vocemecê coçava... e que lhe foi pegada por si?!...

DOMINGAS

Mata-me! Mata-me!

JULIA

Não! Ha-de viver... Acabar o trabalhinho, pois então?! — *Rindo-lhe na cara* — Quero ser filada á sua ordem, acusada por si, condenada... e quando lá ficar no chelindró — *numa grande gargalhada* — ah! ah! ah! ah! quero vê-la voltar contente comoumrato!... De grande!... Aquela morreu, acabou... De mim também está livre p'ra toda a vida... Fica vocemecê e o Facão, hein! E ninguem que os empate, hein!... — *Ri. Depois atirando a para o chão, erguendo-se e noutro tom* — Sempre se salvou uma, embora não fosse esta... nem eu... que também cá a mim, louvado Deus, nunca ninguem me quis salvar. — *Pega no chale, embru-*

lha-se e senta-se á mesa, de queixo ferrado no punho.

DOMINGAS

No chão, meio corpo erguido — A ti?!... — *Olha em volta, aturdida, com a expressão de pensamentos confusos. Ergue-se, sempre com a mão no coração, vai dentro á E. B., surge depois com uma corda, atira-a a Julia, indicando-lhe em gestos rápidos que dependure a irmã ao fundo, no vão da escada. Julia, cuja atitude d'ora em diante, muda completamente olha a mãe e a corda, sem se resolver. Um tempo. Domingas, imperativa* — Depressa. . Vamos... — *Julia vai maquinalmente a pegar na corda. Batem á porta da rua. Ficam ambas aterradas. Um tempo. Batem segunda vez. Julia diminui a luz do candieiro, ficando a scena numa grande obscuridade. Caminha depois pé ante pé para o fundo.*

FACÃO

Da rua — Julia!... Julia! Abre.

JULIA

Em voz abafada — E' o Facão.

DOMINGAS

Mesmo jogo — Sim... Abre.

JULIA

Executa e, fazendo logo um gesto de silencio a Manuel Facão, que entra — Schiu!... *Fecha outra vez a porta cautelosamente. Facão caminha até ao corpo de Maria da Luz. Olha depois com grande pasmo para Domingas e para Julia. Torna a olhar a morta. Julia, entretanto,*

veio á frente, pegou na corda, levallha, indica-lhe o que deve fazer e apontando o tecto do vão da escada — Ali.

FACÃO

A meia voz — Mas que foi?

JULIA

Impaciente — Ali!.. Depressa!...

FACÃO

Indicando Domingas — E a velha vai no embrulho?! — Gesto afirmativo de Julia, que vem encostar-se á mesa do primeiro plano a observar a attitude de Domingas. Esta caiu numa cadeira e conserva-se imóvel, d'olhos fixos, olhando muito longe de face para a platea. Facão em movimentos rapidos faz um laço com a corda, vai ao vão da escada, sobe a uma mesa, ata a corda no teto e corre rapido a transportar o corpo de Maria da Luz, que pendura occultamente por trás duma cortina meia corrida. Domingas, ao senti-lo pegar na filha morta, acorda da sua immobillidade, num sobressalto, sem olhar, e cai por fim numa grande crise de choro. Julia, sempre a espreitala, dá uns passos para ella, e continua a observar-lhe de perto os movimentos.

FACÃO

Concluiu a tarefa. O corpo ficou encoberto sempre pela cortina. Vem até Julia, toca-lhe com o cotovelo e, num gesto de se safarem — Ala...

DOMINGAS

Aterrada — Não! Não!... — Suplicante — Não me deixem sózinha!... — Agarra-se a Julia.

FACÃO

Ai! Não!... Vamos ficar talvez aqui a olhar!...

DOMINGAS

Segurando-a sempre — Não quero.. — Manuel Facão puxa pelo braço de Julia. Domingas num grito aflitivo — Tenho medo!...

FACÃO

Mau. — Senta-se aborrecido na esquina da mesa.

DOMINGAS

Levantando-se sempre agarrada a Julia — A minha filha!... A minha querida Luz!...

FACÃO

Mau, mau, mau...

DOMINGAS

Caminhando de mãos erguidas para o fundo — Morta!... A minha rica filha!... — Aproxima-se timorata do cortinado. Vai levanta-lo. Vacila. Ergue por fim a cortina e recua num grito. Depois caminhando novamente de mãos postas — Perdão!... Perdão!... — Mais alto — Perdão!... — Leva as mãos ao peito, cai de costas, contorce-se uns segundos e queda logo inerte. Julia corre a acudir-lhe.

FACÃO

Intervindo — Eh!... Não mexas. — Aproxima-se, curva-se e examina-la, põe-lhe o ouvido no peito e com um gesto expressivo. — Estoírou

— *Julia vai novamente a debruçar-se sobre a mãe. Facão segurando-a* — És bronca. Não lhe mexas. Não vês como está tudo mesmo a correr bem?... Isto foi de manhã. Ela veio... abriu a janela... — *Noutro tom* — Abre a janela — *Julia vai executar* — Não, não. Enquanto estiver luz, não. Podem toscar. — *Continuando a narrativa* — Abriu a janela... deparou com esta desgraça... Coitada... Arreventou. — *Vem á frente, passa a vista pela scena num exame rapido, vê a carta que Luz tinha escrito, pega-lhe, lê o envelope, mete no bolso, novo exame pela sala e por fim a Julia* — Leva a luz. — *Julia, numa obediencia passiva, pega no candieiro e desaparece pela E. A., ficando a scena e a sala completamente ás escuras. Facão abre a janela, acende cautelosamente um fosforo, alumia a Julia, que regressa logo depois, encaminha-a até á porta da rua, abre e dando-lhe passagem* — Põe-te a mexer. — *Apaga o fosforo. Ouve se no escuro o bater da porta e só se faz luz na sala depois de descer completamente o Pano.*

Eu creio firmemente, que dentro de poucos anos, quando o mundo tornar a entrar nos eixos, as coisas retomarem os seus lugares, os homens adquirirem a noção exacta dos seus deveres e direitos e os acontecimentos, na Vida e na Literatura, na Sciencia e na Arte, começarem a concatenar-se, a ordenar-se, a produzir-se com a logica inflexivel e a intelligencia imperativa que, material e moralmente, obstem ao triunfar de todos os absurdos, á victoria de todos os insignificantes, á engorda de todos os inuteis e á glo-

rificação de todos os pulhas — dentro de poucos anos, quando as coisas forem, não o que são, mas o que devem ser, no repertorio classico do nosso Teatro Normal, tendo arejado, em tradução, pelos melhores teatros do mundo, *O Lôdo* do Sr. Dr. Alfredo Cortez formará com o *Frei Luiz de Souza* de Garrett e com a *Dôr Suprema* de Marcelino de Mesquita, a trilogia apoteosante da arte dramatica portuguesa.

A não ser, é claro, que daqui até lá, por ahí nasça, pelos presepes fecundos da jumencia nacional, solidamente capaz de aos coices atirar com o *Frei Luiz*, com a *Dôr Suprema* e com *O Lôdo* para o barril do lixo onde já apodrecem as peças consagradas, representaveis, representadas e representativas, moralissimas, moralizantes e moralizadoras da *Sociedade dos Autores Dramaticos* e congéneres Filarmonicas Lusas do Auto-Reclame de castrados e estuporinhos.

Porque não é demais frisa-lo e repeti-lo: *O Lôdo*, sendo como literatura e como teatro, pelo estudo detalhado, acuto e cutelante do meio e dos personagens, pela sobriedade modelar dos processos de exteriorização e de efeito, pelo corte natural, vivo, sangrento, do dialogo, pelo desenrolar logico, rapido e seguro da acção, pelo equilibrio inabalavel da estrutura e até pela arriscada e voluntaria escabrosidade de todo o conjunto, uma obra forte, mascula, cheia de violencia e de verdade, exuberante de movimento e de Vida — na simplicidade rara de mover e vivificar todo um acto com duas personagens — *O Lôdo* é, acima de tudo e antes de tudo, uma peça honesta,



ADELINA ABRANCHES

uma peça moral, ia a dizer, uma peça educadora, se não fôra o trocadorinho fácil da tragédia se desenrolar num collegio de meninas e do teatro estar hoje e ter estado sempre, como Arte, muito mais alto e muito acima duma escola laica de boas-maneiras ou duma aula cristã de bons-costumes...

Não se compreende a pudenda vestalidade dos empresarios que a recusaram, na tacanha estupidez da sua amoral industria de exploradores de todos os escandalos e de todos os vicios, despilfarrando luxos e deslumbramentos de pecunia e *mise-en-scène* ao cartazejar, em cantaridas,

todos os desbragamentos das revistas alfacinhas e todas as chifreações do repertorio francês.

Não se comprehende a repulsa e o protesto dos jornais — com as suas publicidades obscenas de quartos com porta para a escada, damas que se oferecem, machos que procuram, drogas que infecundam e pilulas que rejuvenescem — contando-se, demais ás centenas, por êsse país fora, as representações tranguis d'*A Severa* e dêsse actozito de *O Fado* — em que o talento moço de Bento Mantua bordou apenas as variantes chulas de calão indispensaveis para animar e carregar, em scena, as tintas cruas

celebre do Malhõa — a
pitorica do rufia e da
a e crua, sem uma pon-
mento a suavizar o am-
um rigido caixilho de
le terror a emoldurar a
nauseante das atitudes.
de ontem, em todos os
anuncio

ÃO CENTRAL

A's 21 e 22,30 — **HOJE**

FADO

o e genuinamente portuguez,
lo no celebre quadro de
MALHOA

nhamento á guitarra por
NTOS PROFESSORES

desempenho dos artistas
BRAZÃO, EMA D'OLIVEIRA,
CARVALHO, ROLDÃO, etc.

um triunfo cinematogra
ndo que, na minha oge-
pela Arte do Silencio,
mas mandei indagar do
ser e que, sabidas as
nda na mesquinha his-
om do ferreiro bate-o-
andonar a mulher e os
nos mesmíssimos sce-
ôdo, com todos os sor-
s da rua da Amendoei-
em as damas, damizelas
s, que fazem a grande
admirações do *écran*,
es romantizados, senti-
egas da baixa prostitui-
anhando em guitarradas
os esgares histrionicos
n pai-nobre de operario
os ergueres de fralda
ria, que, para dar cor
tom á fibra dos espec-
meda as *filhas di a*

Desgracia, com perfeições e realis-
mos mais que suspeitos em quem
não deu anos ao officio.

... *O Lódo*, na interpretação estu-
penda, arrebatadora de naturalismo,
de intuição e de sentimento de Ade-
lina Abranches, que é, na sua admi-
ravel pequenez de miraculosa an-
drogina, a mestra insigne e inegua-
lavel de todas as grandezas artisticas
da scena portuguesa, *O Lódo*, em re-
presentação privada, em recita unica,
não sei se por convites, mas para
um publico á certa, escolhido e de
feição... foi-se pelo chão abaixo,
entre clamores disparees da platea,
aplausos e uivos, palmas e patadas,
num rebolico grosso de escandalo,
de que a critica se fez eco e se fez
mentora.

O sr. dr. Alfredo Cortez, se não se
dá por vingado, pago e satisfeito, com
a consagração definitiva que a Critica
lhe outergou, com as ferraduras, en-
terrando *O Lódo* e os Empresarios
lhe autenticaram, em asnos, fechan-
do-lhe as portas, é porque, positiva-
mente, tendo muito talento, riscando
em genio dramatico de vez em quando
— é de si, pessoa de muito mau
genio, difficil de contentar e com
ruim bôca para estas vinganças, que
dês de sempre, dês que o mundo é
mundo, em toda a parte foram e no
teatro, nas letras, em Arte, como
em nenhures, ainda são—o nectar e
a ginginha dos deuses caducos e dos
homens inteligentes.

Mas, pelos modos, o sr. dr. Al-
fredo Cortez é simplesmente um
mestre de teatro, e, inda outro dia,
no Politeama, arcando com a canas-
tralidade de todo o teatro historico,
atirando-se de cara para as hastes
limpas das rimas sonoras e das am-

plificações poeticas, vencendo no *A' la fé*, as dificuldades maximas do genero, e vencendo, sobretudo, carnavalizadas de guarda-roupa, êrros palmares de marcação e tais desconchavos, despropositos, ineptias e miserias na colaboração de scena por banda dos comicos e comicas que lhe engrolaram os versos — que pareciam, os êles e as elas, apostados todos em espatifar a peça e a pôr em relêvo o terno fiozito de intuição artistica e de mocidade gracil da sr.^a Constança Navarro, que eu nunca vira e fico supondo a unica artista do cartaz — inda outro dia, no Politeama, o sr. dr. Alfredo Cortez demonstrou a flexibilidade do seu talento, a mestria da sua Arte, a possança das suas faculdades, abrindo me, como de principio disse, o appetite para travar conhecimento com a sua obra anterior e não desmerecendo, em muitas das scenas e em quasi todos os versos do *A' la fé*, do altissimo, privilegiado e entusiastico conceito em que o fiquei tendo depois da leitura da *Zilda* e do estranho, rijo, capitoso e consolador prazer espiritual de topar n' *O Lôdo* com uma obra pri-



AMELIA REY COLAÇO
Interprete das peças *Zilda*, *O Lôdo* e *A' la fé*

ma, que, sem restrições e sem adversativas, me encheu as medidas da admiração, do entusiasmo e da fé esperançada e ardente, inabalavel e confiante no largo e amplo futuro do sr. dr. Alfredo Cortez, como dramaturgo e como escritor.

Divide-se em quatro cantos o poema dramatico da *Lenda da lealdade*, que tantos são, no cartaz, os actos da peça historica *A' la fé*.

Sou mau julgador de versos, pouco atreito a espiritualidades de poesia, chegando mesmo, na minha ignorancia omnimo da de bacharel formado e na minha proverbial memoria de galo que perdeu a crista, a ter es-

quecido já as comezinhas regras a que obedecem e com que se constata, na estilistica, os misterios charadisticos da cesura e da metrificacão.

Outros dirão, pois, das belezas poeticas que, por acaso, me hajam escapado e de que, em boa verdade, quisera autoridade e competencia para lhes dar conta, e, para não arrostar herculanismos fáceis de quem traz o Portugal medievo na ponta